



Transcendência e Vontade na *Clepsidra* de Camilo Pessanha

Laurene Veras*

Resumo: O artigo propõe uma análise da obra de Camilo Pessanha sob a perspectiva da poética do pessimismo e da transcendência em diálogo com a filosofia de Schopenhauer.

Abstract: The article analyses Camilo Pessanha's poems from the perspective of the poetics of pessimism and transcendence in dialogue with Schopenhauer's philosophy.

Palavras-chave: Pessanha; Pessimismo; Vontade; Transcendência

Keywords: Pessanha; Pessimism; Will; Transcendence

Clepsidra é um projeto poético que recorre à imagem da água para mostrar o esfacelamento do sujeito frente ao trânsito do tempo e da inevitabilidade do correr da vida, da fluidez inevitável da experiência. O universo imagético da *Clepsidra* é um mosaico onde a degradação física sugere a degradação espiritual do ser, ou seja, o tempo passa, o mundo físico se despedaça, e o espiritual com ele.

É a partir da idéia da degradação física, que simboliza também a degradação espiritual, que a questão da transcendência ocorre na *Clepsidra*. Por transcendência, neste caso, deve-se ter o entendimento de algo que ultrapassa a materialidade e a experiência ordinária. O tempo passa, a percepção corre para o nada, o ser para o não-ser, e não há indício de um ser que perdue, uma alma ou qualquer espécie de imortalidade ou permanência da consciência.

Uma das principais características da escola simbolista na literatura portuguesa é a vontade de transcendência tanto na prosa quanto na poesia, as personagens e o eu lírico respiram um universo de mistério e aspiram por alçar-se ao inefável, evoluir-se em bruma, transformando a própria existência em algo misterioso e para além da existência ordinária. Camilo Pessanha, apesar da inclinação a uma suposta espiritualidade, não realiza a aspiração ao universal no sujeito poético. O estar “entre” do sujeito poético camiliano é uma marca da poética simbolista, o sentimento de exílio e de estar fora de lugar no mundo.

Tome-se como premissa que existe correspondência de mundividência entre Camilo Pessanha e Schopenhauer. Admitindo que a correspondência do ideário dos dois autores é

* Pós-graduanda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Filosofia.

legítima, veremos se existe a possibilidade de ocorrência da questão da transcendência na poética da *Clepsidra*, como ela aparece em alguns poemas de Pessanha e como se corresponde, por sua vez, com o pessimismo schopenhauriano, ou seja, importa mostrar como a questão da transcendência – ou a falta de – se inscreve como parte fundamental da poética do autor, e como isso está intrinsecamente ligado a uma linha de pensamento pessimista.

Em *O mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer nega a existência das coisas em si mesmas, ou seja, para ele, o mundo é aquilo que é percebido pelo homem, as coisas não têm realidade em si, ou independente da representação que o homem faz delas através dos sentidos. Assim sendo, o mundo nada mais é do que aparência, as coisas são tais quais nos aparecem. O problema aqui seria tentar desenvolver uma tese que fosse além da aparência, algo que mostrasse a essência das coisas, afinal, continua vigendo a questão segundo a qual seria legítimo ou não afirmar que aquilo que aparece contém uma realidade anterior à aparência. A premissa Schopenhauriana para a dedução da essência das coisas é a afirmação de que o próprio homem, ou seja, o ser racional que percebe o mundo através da representação que faz do mesmo, pode perceber também a representação do próprio corpo, mas esta representação deve vir de algo além do corpo, há de haver algo anterior ao próprio corpo, algo que o perceba. Este algo é a Vontade. O corpo em si mesmo não passa de representação, mas essa representação é dada pela essência da coisa-corpo, a Vontade. Ora, se a Vontade é a essência do corpo, deve haver também uma Vontade em cada objeto do mundo, logo o mundo como coisa em si em sua totalidade é a representação de uma Vontade primordial. Portanto, há uma espécie de Vontade original. Essa vontade que cria a realidade das coisas cria também a si mesma. Cada objeto que é dado na realidade existe antes na Vontade, e neste ponto Schopenhauer dialoga com o universo platônico, onde cada coisa que existe, existe antes como idéia, como coisa original na Vontade que vai ser objetivada no mundo. Assim como para Platão a arte era uma imitação das formas puras, para Schopenhauer a arte será o olhar do homem que objetiva a origem das coisas na Vontade, assim, a poesia é a exteriorização da contemplação das idéias dadas pela Vontade e a música a arte por excelência, que vai expressar a própria Vontade primordial. A arte vem nos mostrar portanto o eterno e universal que está por trás das coisas enquanto representações particulares, ou, como já foi dito, aparência. A arte é a maneira que temos de contemplar a essência das coisas.

O grande conflito que fará da filosofia de Schopenhauer uma filosofia do sofrimento deriva da noção de que se a nossa existência essencial consiste na Vontade, sinônimo de necessidade e desejo, a existência há de ser então uma existência de dor e de sofrimento infinitos, pois cada Vontade pressupõe uma falta, uma carência, assim como para

o desejo sempre haverá também a sua não-realização ou não-satisfação. Conceitos como os de necessidade ou Vontade são conceitos negativos e o desejo freqüentemente é mais intenso do que a realização do mesmo, o desejo é infinito. Ora, se a vida consiste na Vontade, e a Vontade é o grande gerador de dor, pode-se concluir que a vida é uma constante fonte de dor, de sofrimento. Além disso, a vida traz em si a implicação da morte, e o indivíduo passa sua existência almejando a realização de seus desejos numa tentativa desesperada de afirmar a vida, que é vontade, pensando afastar-se assim da morte. A proposta de Schopenhauer para o cessar dessa dor passa pelo caminho da ascese: Aquele que não deseja, não sofre. Este seria o triunfo do conhecimento – razão – sobre a Vontade. Anulando o temor da morte a partir de uma vida de apaziguamento da Vontade, o sofrimento deve cessar.

As imagens da *Clepsidra*, carregadas de decadência e da angústia em relação à passagem do tempo, das percepções que se não integram ao sujeito constroem uma poética calcada no estranhamento, ou seja, o desconcerto é um dos motes da obra:

Quando voltei encontrei os meus passos
Ainda frescos sobre a úmida areia.
A fugitiva hora, reevoquei-a,
-Tão rediviva!, nos meus olhos baços...

Olhos turvos de lágrimas contidas.
- Mesquinhos passos, porque doidejastes
Assim transviados, e depois tornastes
Ao ponto das primeiras despedidas?

Onde fostes sem tino, ao vento vario,
Em redor, como as aves num aviário,
Até que a asita fofa lhes faleça...

Toda essa extensa pista - para quê?
Se há-de vir apagar-vos a maré,
Com as do novo rasto que começa...
(PESSANHA *apud* FRANCHETTI, p. 39)

Como analisa Franchetti (2001, p. 39) no segundo ensaio de seu *Nostalgia, exílio o melancolia*, em “Quando voltei encontrei os meus passos”, a própria métrica do soneto é inusual, o autor se utiliza de uma espécie rara de decassílabo e o poema é serpenteado por *enjambements* que terminam por caracterizar um sistema métrico de cadência rítmica difícil, desconcertante. A forma dá o mesmo tom de estranhamento do conteúdo. Antonio Candido eleva o ritmo à categoria de alma do poema enquanto elemento que supera a simetria em importância na construção do verso:

O ritmo é algo visceral em relação à sensibilidade do homem, e não um mero recurso técnico. Ele espelha toda a inquietação, as alterações do espírito e da sensibilidade, a concepção do

mundo, sofrendo influências das transformações da arte e do pensamento. (CANDIDO, 2004, p. 88)

Para além do ritmo, Camilo Pessanha é engenhoso ao criar versos que refletem uma poética do desconcerto. A musicalidade do verso de Pessanha, embora sabidamente uma marca e virtude do Simbolismo, é encantatória. Em “O Rastro de Sangue”, capítulo em que analisa o poema citado, Paulo Franchetti (2001, p. 39-58) nos fala das alegorias do poema que são associadas à “inutilidade dos esforços”, a um sentimento de desânimo e desconsolo por parte do eu poético ao se deparar com a circularidade de seu percurso. Ora, esta circularidade, este retorno ao ponto de partida e a dorida conclusão de sua inevitabilidade e condição de aprisionamento do eu, nos dão uma medida do desencanto causado pela falta de noção de transcendência. O sujeito poético está aprisionado em sua própria finitude, como as aves num aviário. Não há liberdade fora da consciência do tempo, não há fora do tempo, só há a consciência da limitação ao círculo descrito pelos passos transviados. Se a maré há de apagar o novo rastro, a maré é a vida que persiste apesar da consciência, é a própria Vontade, e os passos na areia são mera aparência do que está por trás do véu de maia. Estes novos passos também serão apagados, e o que restará será nada, só a areia como que imaculada. Não haverá registro do sujeito que outrora ali perambulou, ou seja, não haverá transcendência.

Seguindo a lógica schopenhauriana, o que se vê em Pessanha é uma atitude de negação da Vontade, uma solução ascética para a dor de se estar vivo, e não um enfraquecimento ou ausência de vontade, mas antes uma atitude de apagamento, na direção do cessar da dor. O eu lírico experimenta traçar um percurso que vai da materialidade e aparência em direção a espiritualidade e essência, ou seja, o sujeito poético busca uma transcendência que ele mesmo não reconhece como legítima. Em “O olhar pagão”, Franchetti (2001, p. 57) analisa “Imagens que passais pela retina”, poema em que percebemos a angústia de se tentar reter a materialidade/aparência no sentido de integrar-se nela, como os passos que são levados pela maré no poema anterior.

Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?
Que passais como a água cristalina
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
Vosso curso, silente de juncais,
E o vago medo angustioso domina,
- Porque ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
- O espelho inútil, meus olhos pagãos!
Aridez de sucessivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
- Estranha sombra em movimentos vãos.
(PESSANHA *apud* FRANCHETTI, p. 57)

As imagens que passam pela retina não são retidas, são ilusórias, sensações fluidas. Ao mesmo tempo em que sujeito poético quer integrar-se às sensações, ele conjectura se essa integração não levará ao nada, ou seja, se o reduto do ser não está justamente na fluidez das imagens. Sem as imagens, os olhos tornam-se “espelhos inúteis”, e isso aprisiona o eu na condição de observador, ou seja, a comunhão com o mundo é impossível, seria uma redução à estagnação, um movimento do ser para o não-ser. Neste sentido, se o eu lírico encontra-se aprisionado pela aparência, conclui-se que para ele não há a possibilidade da transcendência, e como no poema anterior o sujeito está restrito a um topos limitado. Não é à toa que o ensaio de Franchetti se chama “O olhar pagão”, pois o sujeito esvaziado fica incapacitado de estabelecer uma unidade com qualquer instância superior, que vá para além da materialidade, das percepções sensoriais. O eu poético, neste poema, não tem alma, é a própria negação de qualquer possibilidade anímica. Este desconcerto tão característico da poética de Pessanha, vale lembrar, não é original, mas antes uma manifestação poética arquetípica da ânsia humana por voltar ao Uno-Primordial, a essência de tudo, ou para usar um vocábulo schopenhauriano, a Vontade. O sujeito, neste poema, é incapacitado de ser uno com o todo, e de poder alçar-se a uma condição de completude; este sujeito está fragmentado e sem esperança, não há nada além das imagens em movimento. O esfacelamento do eu na obra de Pessanha através do trânsito da existência, da passagem do tempo e espaço, nos rastros de sangue ou nas imagens que não se fixam na retina, são motivo de dor, de sofrimento. Ora, se este transcurso é origem da dor, não transcendência seria uma ocasião de ausência de dor, pois inexistiria movimento da alma, o que nos leva ao encontro da solução proposta por Schopenhauer, a ascese, a supressão da vontade.

No primeiro ensaio do livro de Franchetti, sobre a carta de 22 de abril de 1894 através da qual Pessanha recebe más notícias sobre o estado de saúde da mãe, há a conclusão de que o afastamento da casa materna e da terra pátria – duas condições que definem a noção de nostalgia trabalhada por Franchetti – se apresentam a Pessanha como a verdadeira destruição de seu passado, como se a ausência física e a impossibilidade de verificação sensorial destes das notícias causassem a sua destruição:

É portanto a dupla sensação de perda que informa essa carta: por um lado, parece perdido o lar pessoal e familiar, a casa materna; por outro, é a ligação física com a pátria, com o país de origem que parece ser a ausência mais dolorosa. Da conjugação dessas duas formas de sentir o

afastamento, nascem as várias imagens em que se materializam os efeitos da partida: a pátria é o lar, e o lar é símbolo da harmonia afetiva; o afastamento gera ou permite a destruição, a brutalidade do caos que se instaura de súbito e parece definir para sempre a situação de exílio. (FRANCHETTI, 2001, p. 19)

A partir desta leitura é possível se fazer uma analogia entre a ausência de alma imortal no caso da transcendência e a supressão dos elementos deixados para trás no deslocamento no espaço e tempo: Assim como na morte o indivíduo desapareceria, também a casa materna deixa de existir quando o sujeito entrega-a ao esquecimento (FRANCHETTI, 2001, p. 18). A experiência sensorial é então condição necessária de existência, o ser só se dá enquanto percebe. Com a ausência dos sentidos, o sujeito poético se esvai completamente, até a sua aniquilação total.

Ainda seguindo a lógica pessimista, a solução para o desconcerto causado por esta ausência de transcendência, esse desenraizamento do ser, será dada pela tese de Schopenhauer. O antídoto para a angústia do desejo é o caminho do ascetismo, não exatamente a morte, mas a negação da Vontade:

Eu vi a luz num país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Ó! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...
(PESSANHA *apud* FRANCHETTI, p. 36)

O poema acima é o extrato desse registro específico da poética de Pessanha, sintético, os quatro versos nivelados em decassílabos dão o tom de uma regularidade e convicção, ou antes, resignação do que se está evocando. Bem enquadrado no universo da poética simbolista o eu lírico situa a luz, o esclarecimento, o ideal, em um topos inacessível, a Idéia está em um país perdido apenas vislumbrado, jamais alcançado. A alma é tomada de langor, ou seja, o eu lírico é dado pelo desânimo, ausência da anima. A pontuação afirmativa dá o caráter sentencial, isto é assim, desta forma, não há sugestão, é uma assertiva contra a qual o eu poético está indefeso nos dois primeiros versos. O verso seguinte abre com uma exclamação, emocionado, e anseia pelo movimento em direção a solução de seu estado, em silêncio, e mais uma vez exclama. No último verso, o desejo de desaparecimento, as reticências que ajudam a construir a imagem do movimento em direção à anulação do ser. Importa observar que apesar de querer a aniquilação do ser, da consciência, há aqui uma vontade que quer anular outra. A vontade de não ter vontade da luz perdida. Apesar da aparente contradição, o eu lírico já havia afirmado sua impotência anímica, ou seja, ele realiza, de certa forma, a ausência de desejo, e afirma a imobilidade do ser.

Desde uma perspectiva filosófica, a solução para o desconcerto está implícita na obra camiliana, como já foi mostrado, especialmente em *Eu a vi a luz em um país perdido*, e de acordo com a correspondência entre a poética de Pessanha e a tese de Schopenhauer. A solução é subjugar a vontade.

O olhar pagão e a apatia fazem com que seja possível também estabelecer uma aproximação entre a poética camiliana e a poética de Ricardo Reis, pode-se dizer que são aparentadas sob o aspecto do posicionamento pagão e do desencanto frente à passagem do tempo. Desta forma, proponho que a resposta poética para a angústia causada pelos “movimentos vãos” poderia estar nos seguintes versos:

Não só quem nos odeia ou nos inveja
Nos limita e oprime; quem nos ama
Não menos nos limita.
Que os deuses me concedam que, despido

De afetos, tenha a fria liberdade
Dos píncaros sem nada.
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
É livre; quem não tem, e não deseja,
Homem, é igual aos deuses. (PESSOA, 2005, p.)

Seguindo a didática do heterônimo pagão ter-se-á uma fórmula inserida dentro de um universo poético que mapeia o percurso do eu lírico que quer libertar-se da dor causada pela passagem das horas e do esvaziamento do ser. Isto não significa que o eu lírico na poética de Reis tenha se libertado da vontade, pelo contrário, é a inquietude desse desconcerto que faz com que a cada poema Reis busque um modo de trazer alívio para a questão da finitude. Ou seja, existem maneiras para se tentar burlar o desconcerto. Mas o desconcerto, como parte fundamental da poética camiliana, persiste em Camilo Pessanha, pois é isto o que define a Clepsidra: O rio do tempo que corre irrefreável, diante dos olhos cansados de ver.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *O Estudo Analítico do Poema*. Humanitas, 2004.
- FRANCHETTI, Paulo. *Nostalgia, Exílio e Melancolia - Leituras de Camilo Pessanha*. Edusp, São Paulo, 2001.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e Imaginário*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. Edição Crítica de Paulo Franchetti. Relógio D'água, Lisboa, 1995.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2005.